



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de sociologia

Licenciatura em Sociologia

Trabalho de fim do curso

Relação entre a indumentária e a identidade social entre os jovens na cidade de Maputo.

Autora: Rosa António Banze

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane.

Supervisor: Prof. Dr. Carlos Cuinhane

Maputo, Janeiro de 2022

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane.

Autora: Rosa António Banze

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Supervisor: Prof. Dr. Carlos Cuinhane

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, Janeiro de 2022

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Rosa António Banze, declaro por minha honra que esta monografia não foi apresentada, parcial ou integralmente, em nenhuma instituição para a obtenção de qualquer grau académico e que constitui resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas durante o trabalho todas as referências bibliográficas usadas para o efeito da pesquisa.

Maputo, Janeiro de 2022

(Rosa António Banze)

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha mãe Rosita Basílio Munguambe, por ser essa mulher forte e incrível que sempre lutou para que eu fosse a escola, soubesse ler, escrever e acima de tudo ser e estar, todas as minhas conquistas se devem a sua existência.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, por me iluminar durante toda a trajetória.

Aos professores do Departamento de Sociologia pelos ensinamentos transmitidos durante o processo de formação, em particular ao meu supervisor Prof. Dr. Carlos Cuinhane por ter aceitado fazer parte deste desafio de me supervisionar, pela dedicação e ensinamentos durante o processo de elaboração da monografia.

Minha maior gratidão é endereçada à minha mãe, Rosita Basílio Munguambe por tudo quanto fez e faz para me tornar numa pessoa cada vez melhor, por acreditar e apostar em mim, por nunca ter duvidado da minha capacidade durante todo o meu percurso académico, e por fim pelo apoio moral e económico, tudo quanto adquirir é graças a sua presença em todos os momentos.

Agradeço aos meus colegas do curso, turma de Sociologia 2016, por tudo quanto juntos pudemos aprender, desde os debates, ajuda e até as críticas, que independente de construtivas ou ofensivas, tornaram-se parte essencial deste processo que juntos fizemos.

Nesta senda, aproveito estender um agradecimento às minhas colegas Linete Fisse e Marlene Seare, assim como também aos meus colegas com quem tive uma relação que ultrapassou as barreiras académicas, tornando-nos, também, amigos: Édio Mondlane, Neuza Balane, Ângela Moiane, Ivete Canleba, Marta laísse, Bárbara Patice, Célia Uamba, e Narcizia Manjate. Em especial à Marcela Biui que esteve comigo desde o primeiro rascunho em forma de trabalho e juntas superamos vários desafios que levarei como ensinamentos para vida, e à Sheila Nhalissa por ser minha eterna calouira, quero que ela saiba que desde o primeiro dia vi-me nela. À vocês, por todas palavras de apoio, força, companheirismo e amizade, obrigada.

A minha família, principalmente minhas irmãs (Benigna Banze, Isabel Banze, Hortência Banze), a minha tia (Vaniza Tembe) e a minha sobrinha (Swelly Banze) pelos momentos em que pensei que nada daria certo e acabaria por desistir, mas foram estes que me incentivaram a continuar e mostrar que é possível concretizar o objectivo de ter uma formação superior.

A todos os jovens que confiaram e aceitaram fazer parte deste estudo, foram uma parte essencial para a concretização deste objectivo, agradeço pelo seu tempo e entrega durante todo o processo de trabalho de campo.

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a relação entre a indumentária e a identidade social entre os jovens na cidade de Maputo. O estudo analisa como os jovens constroem a sua identidade através da indumentária, partindo da ideia de que existe um conjunto de atributos classificatórios dos indivíduos mediante determinada roupa usada por estes. O estudo usou uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semi-estruturadas para a recolha dos dados, que foi realizada com 18 jovens de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 18 a 25 anos. À análise dos dados foi feita com recurso a técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelam que os jovens têm diferentes valores, atitudes, emoções e representações no que refere ao processo de construção identitária a partir da indumentária, e esse processo realiza-se mediante dois pilares principais que são: a percepção que os jovens têm de si quando usam uma determinada roupa e a percepção que os outros tem sobre a mesma roupa. Constatou-se ainda, que a relação existente entre a indumentária e identidade social é fruto significativo da junção da socialização primária e das relações sociais dos jovens, o que resulta com que, o processo de identificação social a partir da indumentária derive dos significados dados a roupa pelos indivíduos. Desta forma, depreende-se que os jovens, através das diferentes componentes da indumentária, não constroem apenas uma identidade social, mas sim múltiplas dependendo do contexto no qual estiverem inseridos.

Palavras-chave: Indumentária; Identidade social.

ABSTRACT

This research discusses the relationship between clothing and social identity among young people in the Maputo city. The study analyzes how young people build their identity through clothing, based on the idea that there is a set of classifying attributes of individuals through certain clothes worn by them. The study used a qualitative approach, based on semi-structured interviews for data collection, which were carried out with 18 young people of both sexes and aged between 18 and 25 years, Data analysis was performed using the technique of content analysis. The results reveal that young people have different values, attitudes, emotions and a representation regarding the process of identity construction based on clothing, and this process is carried out through two main pillars, which are: the perception that young people have of themselves when they wear an outfit and the perception that others have about the outfit. It was also found that the relationship between clothing and social identity is a significant result of the junction of primary socialization and social relations of young people, which results in the process of social identification based on clothing, which derives from the meanings given to clothing by individuals. Finally, it is revealed that young people, through the different components of clothing, do not only build a social identity, but multiple ones, depending on the context in which they are inserted.

Keywords: Clothing; Social identity.

Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
Introdução	1
Capítulo 1: Revisão da Literatura	4
1.1 Contextualização da Indumentária.....	4
1.2. Abordagens sobre a Indumentária	6
1.2.1 Abordagem cultural	6
1.2.2 Indumentária como expressão de individualidades	8
1.2.3 Abordagem sociológica	10
1.3 Formulação do Problema de Pesquisa	13
1.4 Hipótese	14
1.5 Objectivos	15
1.5.1. Objectivo Geral.....	15
1.5.2. Objectivos Específicos.....	15
1.6 Justificativa	15
Capítulo 2: Enquadramento Teórico e Conceptual	16
2.1 Teoria de Base.....	16
2.2 Quadro Conceptual	18
2.2.1 Indumentária	18
2.2.2 Identidade social	19
2.3 Definição dos Indicadores.....	20
Capítulo 3: Metodologia	21
3.1 Método de abordagem.....	21
3.2 Método de procedimento	21
3.3 População e amostra	21
3.3.1 População.....	21
3.3.2 Amostra e técnica de amostragem	22
3.3.3 Técnica de recolha de dados	22
3.4. Técnica de análise de dados	23

3.5 Procedimentos éticos da pesquisa.....	23
3.6 Constrangimentos da pesquisa.....	23
Capítulo 4: Apresentação, análise e interpretação dos dados	25
4.1 Perfil sociodemográfico dos Entrevistados.....	25
4.2 Significados atribuídos pelos jovens a indumentária.....	26
4.2.1 Significados sobre a roupa especial entre os jovens	27
4.3 Descrição das práticas e motivações sobre a indumentária	29
4.3.1 Motivações para o uso e compra da indumentária entre os jovens.....	30
4.4. Indumentária como meio de construção de identidade entre os jovens.....	32
4.4.1 O uso das roupas na demonstração da personalidade	32
4.4.2 O papel da indumentária na construção das identidades sociais.....	33
4.5 A relação indumentária e identidade.....	35
4.6 Discussão dos Resultados	37
Considerações Finais	42
Referências bibliográficas.....	44
Anexos	48

Introdução

O presente trabalho tem como tema *Relação entre a indumentária e a identidade social entre os jovens na cidade de Maputo*. Este surge para compreender como o uso da indumentária tem relação com a construção da identidade social entre os jovens. Nesta perspectiva, analisam-se os significados que os jovens têm sobre a indumentária, suas práticas, motivações, assim como, o papel que esta desempenha na identidade social dos indivíduos jovens.

Considera-se a indumentária um elemento que pode despertar emoções, sentimentos e que através dela é possível revelar-se de quem se trata. Além disso, as normas sociais regem que para cada espaço frequentado, seja hospital, festa ou local de trabalho existe uma determinada indumentária considerada apropriada para a situação. Acrescenta-se, ainda, que a indumentária é um factor de distinção dentro da sociedade e a partir dela torna-se possível sugerir o comportamento, profissão, sexo e religião de cada indivíduo (Robbins 2005).

A relação entre a indumentária e identidade é vista no sentido de que trajar uma determinada peça implica ter uma identidade específica, isto porque se um indivíduo faz uso do *hijab* está directamente relacionado a classe dos muçulmanos, ao fazer uso de roupas mais elaboradas e requintadas é tido como indivíduo de classe superior, da alta sociedade. Assim, essas relações são características em todas as sociedades tendo em conta a significação e características atribuídas a cada indumentária que faz transmitir uma sensação de pertença e identidade a algum grupo (Kotler, 2006).

Porém, os autores não fazem menção do facto de que, alguns significados atribuídos a indumentária tendem a ganhar nova significação, devido a possibilidade de escolha de novos modelos e significados, dada a partilha de indumentária que existe entre os vários povos, fazendo com que alguns significados sejam reavaliados na aquisição de uma determinada roupa, fazendo com que nem tudo pareça o que é, ou seja, a forma como se atribui a identidade de um indivíduo a partir do seu traje pode não ser a forma como o indivíduo se identifica.

Face a isso, é pertinente estudar como os jovens concebem essa relação e constroem a sua identidade social a partir da indumentária, ou seja, o processo através do qual se dá a identificação social dos indivíduos a partir da indumentária. Considerando ainda que, pouco se discutem as percepções dos jovens sobre os significados atribuídos a indumentária na sua

relação com a identidade social, buscamos aprofundar através dos indivíduos sobre como se sentir representado por uma peça (indumentária), e fazer uso desta, pode construir uma identidade, personalidade, assim como formar uma opinião. Considerando estes aspectos, foi formulada a seguinte pergunta de partida: *De que forma o uso da indumentária tem relação com a construção da identidade social entre os jovens da cidade de Maputo?*

Como resposta a essa pergunta, partiu-se da ideia segundo a qual, a construção das identidades sociais a partir da indumentária acontece mediante os significados partilhados dentro de um espaço de convivência social.

No que concerne a base de sustento para este estudo, adoptou-se a teoria de Erving Goffman (2002) sobre *A representação do Eu na vida quotidiana*. Nesta teoria, o autor propõe uma analogia da vida social, baseando-se na ideia de um palco onde os indivíduos durante a interacção face a face usam da sua criatividade para gerir as impressões que deles se possa ter. Assim, a identidade do indivíduo é interpretada pela forma como os outros interpretam o mundo a sua volta fazendo uso de diferentes adornos.

Do ponto de vista metodológico, o estudo é de carácter qualitativo, onde se teve como método de procedimento o monográfico. As entrevistas semi-estruturadas e a observação directa serviram como base para a colecta dos dados analisados no estudo, quanto a população e amostra foram definidos jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 a 25 anos, tendo como espaço amostral a cidade de Maputo, a escolha dos participantes foi orientada por uma amostragem do tipo não probabilístico usando como critério a conveniência ou acessibilidade, para análise dos dados usou-se a técnica da análise de conteúdo que serviu para analisar as informações obtidas durante a realização das entrevistas.

Escolheu-se como local de pesquisa a cidade de Maputo porque é considerado um local com maior diversidade populacional, o que de certo modo poderia ajudar a compreender mais essas dinâmicas e significados que ocorrem dentro da relação que se faz entre a indumentária e a identidade social. O grupo alvo foi composto por jovens pelo facto de ser uma camada que se encontra em busca de auto-afirmação e por esse ser um período cheio de escolhas em sua vida, tendo um repertório vasto de opções a sua disposição podem fazer destes um elemento para a composição da sua identidade razão pela qual escolhe-se esse grupo para captar as ideias com relação a indumentária e identidade social.

Quanto a estrutura, o trabalho está dividido da seguinte forma: no primeiro capítulo encontra-se a revisão da literatura onde se destaca a contextualização, conjunto de obras assim como abordagens encontradas no que tange ao debate sobre a indumentária e identidade social, mostrando suas convergências, divergências assim como limitações que guiam a formulação da problemática.

No segundo capítulo segue-se ao enquadramento teórico e conceptual no qual se discute a teoria de base assim como os principais conceitos definidos para este estudo. O terceiro capítulo dedica-se a apresentação da metodologia trazendo as abordagens, o método de procedimento, as técnicas de recolha e análise de dados. O quarto capítulo refere-se a apresentação, análise e discussão dos dados, e por último encontram-se as considerações finais, toda bibliografia consultada e os anexos.

Capítulo 1: Revisão da Literatura

Neste capítulo encontram-se as diferentes formas pelas quais os autores e perspectivas discutem a questão referente a indumentária, relacionando-a a identidade social. Além disso, apresenta-se a contextualização da indumentária, o problema de pesquisa, a hipótese, os objectivos e a justificativa.

1.1 Contextualização da Indumentária

A indumentária data desde os primórdios quando o povo viu a necessidade de proteger o corpo e evitar o pudor no período pré-histórico com o uso de pele de animais, mas nem todos os povos utilizavam a pele pois alguns não viam a necessidade de cobrir o corpo e preferiam apenas usar enfeites diferenciadores de posição social (Embacher, 1999).

Na antiguidade alguns povos consideravam a indumentária como um elemento que realçava a beleza e a peça característica dessa época era o *quitom* feito a partir de um rectângulo a base de tecido e como complemento dessas peças eram usadas jóias. Ainda neste período, mais concretamente na antiguidade clássica, na babilónia o traje típico era uma espécie de túnica com mangas curtas e justas presas com um cinto assemelhando-se aos egípcios, mas tendo como diferença o facto de que nas camadas baixas no Egipto não usavam o cinto (Stefane, 2005).

Na idade média os trajes começam de certa forma a sofisticar devido ao surgimento da máquina de costura, do zipper e as *jeans* surgindo deste modo traços de sedas nas túnicas, as roupas ganham padrão bipolar capaz de mostrar e identificar a que feudo as pessoas faziam parte, as cores e materiais começam a marcar diferenças entre os sexos onde as mulheres usavam uma saia cheia de babados em formato de sino com uma cintura afunilada e na parte superior portavam blusas costuradas aos ombros de mangas curtas deixando a mostra os seios e os homens usavam saiotos com espécies de tanga com cinto metálico e o resto do corpo ficando por fora (Embacher, 1999).

A revolução industrial no século XVIII foi responsável por uma mudança drástica no vestuário trazendo a evolução tecnológica e um grande desenvolvimento de maquinária como a water frame, spinning frame criadas para tecer fios em grande quantidade, voltadas também para a produção de têxtil e conseqüentemente de roupas (Braga, 2007).

No século XX a moda, através da indumentária, sofreu uma série de transformações com o advento das 1ª e 2ª guerras mundiais assim como a crise económica dos anos 30. Neste período, houve o aparecimento da calça *sherezade* inspirada no balé que fazia sucesso na época, as saias e vestidos das mulheres ganharam um encurtamento e passaram a estar por cima do joelho fazendo com que os sapatos passassem a aparecer, mas ao mesmo tempo surge a novidade das meias para que cada mulher cobrisse as pernas tendo em conta a tonalidade da sua pele.

Os vestidos mais usados na época eram feitos de godé e evase composto por um corte para evidenciar a sensualidade feminina; os homens, por estarem mais propensos a guerras, a sua indumentária era parecida com um uniforme composto por calça comprida, paletó, colete e gravata (Carvalho,2009).

Entre 1950 a 1960, após as guerras, surgiram os biquínis de praia. Teve como factor determinante no mundo da indumentária, a cultura juvenil que surge como rebelião da juventude contra os mais velhos que começaram a procurar sua identidade através da moda, especificamente derivada dos adultos onde as mulheres usaram saias mais rosadas, sapatos baixos, meias soquetes e os homens inspiravam-se no Elvis Presley e Merlon Brando passando a usar calças jeans com barra virada, camiseta branca e jaqueta de couro, calças com zipper e mais ajustadas (Carvalho, 2009).

A partir dos anos 1980 a 1990, houve uma tendência democrática da moda, e a indumentária com todos os seus paradoxos, gostos e formas começam a ganhar sucesso. As peças justas, amplas cores sombrias e vivas, até mesmo das peças simples as mais exageradas, a competição entre os sexos ficaram evidente e as mulheres começaram a adoptar alguns trajés masculinos (Castilho, 2001).

Em um mundo globalizado, pode se notar que a partir dos anos 1990 até aos dias de hoje (2020), tornou-se quase impossível evitar a mistura de tendências devido a abertura dos movimentos transfronteiriços. Neste período, houve uma grande liberdade na forma de vestir, a indumentária continua democrática e os jovens têm tendência a ditar a moda ousada e irreverente; Não há uma extrema fidelidade determinada a um grupo, as bainhas ficam desfiadas, as costuras transparentes aparecem, a maneira de vestir passa a ser igual aos diferentes, ao mesmo tempo que diferentes entre os iguais, mas diferentemente as décadas passadas o processo irreversível da globalização se modifica abrindo espaços para alguns localismos (Braga, 2007).

No estudo realizado sobre como as pessoas vestem em Moçambique, mostra-se que devido a sua localização geográfica o país, tornou-se, desde a chegada dos colonialistas, um local alvo de interesses comerciais dos europeus e indianos transportando seus produtos para trocas comerciais, o que de certa forma foi determinante para a modificação e solidificação da cultura do nosso povo assim como em novas tendências da indumentária, sobretudo a região norte que sofreu grande influência indiana, razão pela qual uma parte do povo do norte mantém até hoje uma cultura muçulmana idolatrando o xaile, cofiós e túnicas como resultado da influência indiana. Quanto as outras regiões do país, surgiram as calças boca-de-sino, as balalaícas, max e mid (vestidos curtos e compridos com bolinhas acompanhados de truncadas) tendo como maior influência o povo europeu, usavam capulanas para fazer vestidos, blusas, calças e lenços imitando o modelo europeu (s/a, 2019).

No século XXI devido a influência de outros povos, nalgumas vezes através das telenovelas, filmes de grande sucesso fazem com que os indivíduos tenham a possibilidade de apreciar as roupas e trajes usados nas suas exposições e acabam por ter vontade de experimentar essa indumentária e adopta-la no seu quotidiano. Assim, os média carregam o papel de serem protagonistas na escolha que os indivíduos fazem ao comprar e usar uma peça de roupa(Idem).

1.2. Abordagens sobre a Indumentária

Nesta secção, apresentam-se as diferentes formas de debate sobre a indumentária, relacionando-a identidade social, onde se destacam as seguintes abordagens: abordagem cultural, abordagem que considera a indumentária como expressão de individualidades, e a abordagem sociológica.

1.2.1 Abordagem cultural

Esta abordagem enquadra estudos que assentam na ideia segundo a qual a indumentária é um fenómeno apreendido culturalmente e os valores, normas e crenças serão investidos na maneira de vestir dos indivíduos. Esta abordagem é defendida por: Garcia (2010), Barnard (2003), Crane (2006), Tylor (1871).

Para Garcia (2010) devido aos factores culturais a indumentária pode ser classificada como um fenómeno apreendido uma vez que o indivíduo absorve os valores e comportamentos da sua cultura, deste modo os indivíduos acabam transmitindo sua personalidade e características através da indumentária que passa a ser própria e personalizada, assim sendo, a

acção de vestir pode estar relacionada a actividade trivial do acto de documentar a cultura de uma sociedade.

Na mesma linha de ideias, Barnard (2003), argumenta que se utilizam as roupas para se constituir como ser social e cultural, o indivíduo se apropria da linguagem da indumentária para comunicar uma identidade, posição, sexo e até mesmo religião. Nesta abordagem, a roupa representa um universo simbólico transformado, criado e recriado conforme as normas vigentes e as necessidades dos indivíduos e a linguagem passada pela indumentária através do uso das roupas, adereços, adornos e acessórios é bastante variável e assume diferentes funções das quais pode se destacar o papel que o indivíduo desempenha dentro do grupo dependendo de como é composta a sua indumentária e a interpretação dos seus signos e símbolos na cultura deve ser feita de maneira minuciosa.

A indumentária é um elemento de construção da identidade do sujeito e seus *status*, esta e o traje são práticas significantes que produzem e reproduzem grupos sociais e suas posições de poder, mas há que ressaltar que não são usadas apenas para indicar ou fazer referências às posições sociais, mas sim também para construir e marcar aquela realidade social e cultural através da qual usamos a indumentária para afirmar como seres sociais, Crane (2006).

Mendes e Haye (2002), argumentam que no contexto britânico, as colecções de roupas dialogavam com a insatisfação dos jovens e atendiam as suas inspirações, o que decerto modo fez com que houvesse uma identificação imediata dos jovens pelo estilo vigente pois estes buscavam uma roupa que significava diversão, praticidade e sem marca de classe. Neste contexto o vestuário assume um meio através do qual categorias e princípios culturais são codificados e tornados manifestos.

Os jovens afro-americanos e mexicanos geraram estilos próprios que tiveram como consequência uma influência crucial no universo da cultura jovem, estes desenvolveram um estilo *zoot suit* de casacos largos, drapeados e calças esticadas que se infiltraram na indumentária tradicional, onde o jeans tornou-se um item essencial na cultura jovem voltada para a indumentária, Barroso (2019).

Partindo dos estudos de Mendes (2002) e Barroso (2019), pode-se afirmar que a indumentária toma repercussões diferentes dependendo do contexto no qual os indivíduos estiverem inseridos uma vez que cada cultura busca albergar suas crenças de modo com que a identidade dos indivíduos seja construída tendo em conta o seu modo de ser e estar.

Tylor (1871), advoga que a cultura através de crenças, laços e costumes criam capacidades e hábitos que o homem adquire e torna-se influente no processo de aquisição e investimento do vestuário na perspectiva entre o meio em que se vive junto com preferência dos indivíduos, assim sendo mesmo com as influências indígenas alguns tradicionalismos afectam a maneira de vestir dos indivíduos em sociedade e os grupos sociais buscam maneiras de se manter e auto-afirmar criando laços que liguem as pessoas.

Os autores desta abordagem argumentam que a indumentária está centralizada na cultura de cada indivíduo, e o seu uso e consumo reflecte as crenças, normas e padrões estabelecidos dentro de uma tradição. Deste modo, subentende-se que a construção da identidade social a partir da indumentária, acontece tendo em conta os elementos culturais agregados pelos indivíduos partindo do contexto no qual estão inseridos. Há que ressaltar que diferentemente de Tylor (1871) e Garcia (2010) que incidem apenas para o lado cultural da indumentária, os outros dois autores desta abordagem comungam da ideia da indumentária como a arte de documentar a cultura, mas por outro, acrescentam que a acção de vestir faz com que as pessoas constituam-se como seres sociais.

1.2.2 Indumentária como expressão de individualidades

Esta abordagem considera a indumentária como um elemento que serve para retratar as individualidades dos indivíduos a partir de seus gostos e estilos. Tem como defensores os seguintes autores: Miranda (2008), Fisher (2001), Bauman (2001), oliveira (2007).

Miranda (2008) argumenta que a maneira como cobrimos os nossos corpos funciona como uma forma de escrita que serve para registar quem se é enquanto indivíduo e como se vive, pois os trajes e indumentárias vão definindo qual o nosso papel e imagem para a sociedade. Argumenta ainda, que quando os indivíduos buscam produtos como roupas e acessórios procuram transformar o eu real no eu ideal devido ao facto de se acreditar que a aparência física e as poses podem retratar o nosso eu.

Mediante esta autora, percebe-se que os indivíduos na busca de retratar sua individualidade, estes tem a capacidade de fazer uso das roupas como forma de construir uma identidade capaz de retratar o que o indivíduo apresenta ser, mas por outro, essa mesma roupa é capaz de permitir aos indivíduos construir uma identidade por este idealizada o que significa que a ideia da autora é eficaz porque introduz o facto de que a identidade social de um indivíduo

pode variar dependendo da individualidade que este pretende passar em determinado momento.

No que concerne a indumentária feminina, Fisher (2001) advoga que as mulheres atribuem uma grande importância a indumentária pois através das vestimentas deixam transparecer o consciente e o inconsciente feminino revelando como se sentem em relação a si mesmo e vivem em incessante necessidade de expressar quem são, seus desejos, fantasia e valores. Assim estas consomem produtos como roupas e adereços com a necessidade de reafirmar uma identidade.

A roupa é considerada como uma espécie de representação de si mesmo, ou uma forma de auto-expressão, na medida em que quando um indivíduo decide comprar uma peça ou roupa ele não está adquirindo a indumentária em si, mas sim, a comprar uma identidade que vai ser reflectida no outro assim como obter uma representação imaginativa do grupo que a vestimenta representa (Monteiro, 1999). O que significa que o autor traz uma questão relevante para o trabalho, na medida que argumenta o facto de que os indivíduos fazem a sua identidade mediante o que vestem.

Para oliveira (2007), o espírito jovem é tido como o que mais se apropria da moda como uma forma de saciar a sua identidade associada a criatividade encontrada na oferta de seus produtos, razão pela qual essa geração encontra no vestir uma maneira de se expressar que busca incessantemente estar fora dos padrões exigidos pela camada mais velha. O autor acrescenta que uma das características capazes de discernir a indumentária entre a geração mais jovem e as outras é o facto de os jovens fazerem uso dos trajes como uma forma de expressar sua individualidade visando a autenticidade visual.

Segundo Bauman (2001), a indumentária pode transmitir mensagem através do seu tecido em si, podendo caracterizar um estilo pessoal pela escolha das roupas, contudo o autor adverte que embora algumas pessoas não consigam comunicar indicações tão óbvias da sua identidade, as roupas ainda servem como base para conclusões observadas pelos outros.

O mesmo autor defende que a identidade através da indumentária pode ser considerada um fenómeno comportamental através do qual é possível nos expressarmos como uma extensão visual. Argumenta ainda que a expressão do ser de cada pessoa é tida como uma representação da aparência final no qual se expressam suas subjectividades no momento em

que empregam esses símbolos na construção da sua identidade ao expressa-la publicamente (Bauman,2001).

Como se pode perceber, os autores dessa abordagem incidem mais para o carácter individualista da indumentária no sentido de que os indivíduos vestem tendo em conta a representação que tem de si com vista a busca de uma autenticidade visual, entretanto há um argumento massivo segundo o qual a indumentária é exclusivamente dependente dos indivíduos. Deste modo, a abordagem individualista torna-se minimalista, uma vez que não se pode deixar passar o facto de que na constituição da identidade o individuo pode ter uma identidade própria assim como uma identidade construída pelos outros. Assim, no trabalho pretende-se explorar a ideia de construção identitária tendo em conta os significados atribuídos a indumentaria mas sem deixar de considerar que além dos indivíduos, a sociedade na qual se está inserida tem um conjunto de normas e crenças que podem contribuir de certo modo para a existência de elementos que permitam estabelecer a relação entre a indumentária e identidade social.

1.2.3 Abordagem sociológica

Esta abordagem defende que a indumentária consiste primeiro em ser um elemento de distinção social entre os membros de uma sociedade e em seguida carrega consigo elementos sociais capazes de demonstrar identidades sociais dentro da interacção social entre os indivíduos partindo do significado que a indumentária transmite. Os defensores dessa abordagem são: Lipovetsky (2005), Monteiro (1999), Nhamue (2004), Garcia e Miranda (2010), Simmel (2005).

Monteiro (1999) defende que a roupa durante muito tempo serviu para criar diferenciação dentro da sociedade entre as classes sociais mas hoje em dia a roupa serve mais para identificar a qual grupo a pessoa pertence, a roupa já não serve mais como uma decisão solitária do indivíduo pois carrega consigo uma simbologia e representa mais um sinal de comunicação dentro do processo de interacção social.

Na mesma linha de Monteiro (1999), Lipovetsky (2005) concorda que inicialmente a roupa esta directamente ligada aos códigos de diferenciação social, a construção de identidades, aos processos de mudança social e a certos fenómenos como religião, cinema e música mas acrescenta que dependendo do contexto, passa-se a não considerar mais apenas como um elemento apenas de diferenciação mas ganha-se uma intensa discussão sobre a moda e

indumentária como mecanismo de diferenciação e identificação de sujeitos sociais, colectivos ou individuais, pois, cada movimento tem uma indumentária característica da sua identidade política que fazem essas peças tornarem-se inconfundíveis e imediatamente reconhecíveis como membro deste movimento.

De acordo com Garcia e Miranda (2010), para além de cobrir o corpo, a indumentária envolve uma organização de sentidos e escolhas como texto e comunicação. Afirmam ainda que, para além do aspecto funcional, a indumentária e seus acessórios são cheios de escolhas, sentimentos e memórias que podem despertar, tornando-se assim, o vestir como um acto de aquisição de competência do sujeito para realizar a performance de fabricar uma identidade a partir da aparência.

Para Barthes (1964), a indumentária não pode ser reduzida a ideia de vestuário uma vez que a sua linguagem é mais complexa e o seu conjunto é constituído por roupas, calçados, bolsas e acessórios e cada item é composto por sua significação que quando somados resultam no aspecto exterior do indivíduo, assim sendo, a partir dessa visão exterior o indivíduo passa informações sobre a sua identidade mas que pode funcionar para mostrar algo que a pessoa não é mas gostaria de ser para pertencer a um determinado grupo.

Svenden (2008) advoga que as primeiras impressões que se tem dos indivíduos são retiradas das vestimentas por estes trajadas mesmo que podem nem sempre transmitir indicações tão óbvias da identidade dos indivíduos, a acção de vestir abrange um nível que vai além da simples função de cobrir o corpo englobando um conjunto de significados inerentes ao local que o indivíduo esta inserido. Assim, as roupas induzem uma disseminação de valores que configuram um individualismo assim como um comportamento valorizando um mundo social.

Segundo Mota (2008), a roupa é um artefacto que reflecte o nível de desenvolvimento e cultura, assim pode-se dizer que a roupa tem um sentido funcional que influencia o comportamento das pessoas como categoria do real, que inclui não apenas o uso e significado, mas também a sua feitura que integra a significação e manifestação da roupa como um elemento de realidade completa, histórico e social como produto da acção humana em diferentes situações.

Pitombo (2003) advoga que quando o individuo veste, está ao mesmo tempo a emitir uma actividade significativa na medida em que trajar uma vestimenta é tido como um acto de

significação que vai além dos motivos de pudor, protecção e adorno. Assim, as pinturas, adereços, peles de animais e tecidos empregues na fabricação da vestimenta de uma sociedade correspondem as formas e organizações vigentes dessa sociedade.

No estudo *da psicologia da moda, um estudo sociológico*, Simmel (2005) destaca a roupa como forma de vida social pela qual se produz um compromisso entre a tendência para a igualdade social e da tendência para a distinção individual. Este estudo revela ainda que, a indumentária está ligada a história de cada um, em cada momento vivido vestimos algo que compõe a paisagem do vivido, seja festa, baptizado, casamento ou outro tipo de cerimónia na qual se veste e investe em memórias e significados, assim, a relação dos indivíduos com a roupa, envolve um constructo individual e colectivo que inclui, exclui, recria os sujeitos individuais e colectivos assim como papéis e significados sociais.

Para Jones (2011) as roupas têm diferentes funções, das quais podem se destacar a decência, indecência, ornamentação e filial social. Mas passado algum tempo, a diferenciação simbólica se tornou a função mais complexa porque a roupa passou a ser uma maneira de expor identidade, mesmo tendo em conta que nem todos os indivíduos tem a capacidade de vestir dentro de suas crenças, sentimentos e pensamentos mas, os que conseguem criam uma conexão com as roupas marcas e signos.

O mesmo autor, acrescenta que as indumentárias carregam símbolos diversos capazes de comunicar e criar identidades pois as vestimentas são reconhecidas e associadas a uma identidade específica, onde quem usa sabe que esta sendo considerado como pertencente a um dado grupo ou cultura e os símbolos carregados na indumentária são cheios de significados que variam de acordo com a sociedade em que se esta inserido, assim como também, essas têm a capacidade de incluir e excluir as pessoas em ter determinadas identidades, pois, usar blusa de uma certa torcida o inclui entre os membros da mesma mas o exclui do grupo das torcidas rivais (idem).

Segundo Dorfles (1990) em todas as culturas, os corpos se apresentam vestidos ou no mínimo adornados de pinturas e acessórios, isto acontece porque as roupas e seus adornos tem um papel simbólico e estético extraordinariamente significativo que gera vínculos entre as pessoas. O universo jovem em especial, é um grupo construído de informações sobre as roupas que vai além do que é aparentemente comercializado, principalmente nos jovens nascidos dos anos 1980 a 1990 onde a televisão já expandia diferentes estilos através da recepção televisiva. Este autor argumenta que devido a capacidade que os jovens têm de

estarem conectados a televisão dá a possibilidade destes terem acesso a diferentes estilos de roupa e conseqüentemente várias opções a sua disposição, o que pode permitir que estes usem indumentária que estes usem indumentária que acharem adequadas assim como as que forem mais divulgadas.

A partir das colocações dos autores da abordagem sociológica, percebe-se que, a indumentária ultrapassa o simples acto de um objecto físico usado para cobrir e proteger o corpo, pois, não existe apenas para cumprir essa função mas sim passa também a ser vista como uma maneira de expressão de sentimentos, momentos, recordações assim como transmitir identidades. Diferentemente da abordagem sobre expressão de individualidades considerada mais como individualista por dar primazia aos indivíduos, a abordagem social traz mais elementos capazes de sustentar que a identidade não é algo que diz respeito apenas aos indivíduos, pois estes estão inseridos numa sociedade na qual as primeiras impressões sobre eles vêm de outros indivíduos e podem ser obtidas através da indumentária por estes trajados.

Nhamue (2004), destaca que a prática de vestir roupa africana como forma de afirmar a identidade por parte de algumas pessoas na cidade de Maputo é movida pela necessidade de alguns membros da sociedade como deputados e músicos têm de afirmar a identidade africana em alguns contextos como no caso de interações com membros da sociedade onde se espera que devido a sua posição social estes vistam de acordo com a posição que se espera destes neste contexto, deste modo, fazem uso da roupa africana acreditando que atribui uma identidade para quem veste, e há necessidade de demonstração ao apreço da identidade africana devido aos cargos que essas pessoas ocupam.

1.3 Formulação do Problema de Pesquisa

Existem diferentes linhas de interpretação da relação indumentária e identidade social, das quais destaca-se que um dos elementos de explicação dessa relação, é interpretado por (Stefani, 2005; Coppola,2006; Mota, 2008) como sendo uma expressão social que tem a função de retratar individualidades, e por outro, como sendo um produto da sociedade que apresenta-se como uma construção social que reflecte desenvolvimento técnico, significados e cultura (Nhamúe, 2004; Lipovetsky,2006).

Mediante as abordagens apresentadas na revisão da literatura, verifica-se que os autores são unânimes quanto á ideia de que a indumentária representa mais do que um acessório usado

para cobrir o corpo, e passa a reportar significados capazes de serem interpretados tendo em conta o meio no qual o indivíduo se fizer presente. Observa-se uma unanimidade também, no que concerne a representatividade da indumentária como sendo capaz de atribuir e sugerir identidades entre os indivíduos, mas há uma limitação pelo facto dos autores não explicarem em que condição a indumentária passa a sugerir uma dada identidade aos indivíduos.

Goffman (1979), afirma que, os indivíduos não possuem uma única identidade, estável e estática, mas sim que estes possuem múltiplas identidades que estão em um constante de mudança no decorrer das interações humanas. Assim, as identidades sociais podem ser constituídas pelas categorias sociais mais vastas que um indivíduo pode pertencer. Deste modo, dependendo da indumentária que um indivíduo for a usar, este está propenso a ser atribuído uma certa identidade em função do contexto em que desenvolve a interação social.

Os estudos enfatizam, ainda, a ideia de que a indumentária pode criar e afirmar identidades dentro de uma cultura, organização e sociedade através das impressões que as roupas podem criar. Entretanto, pouco debatem a ideia dos significados e percepções que a indumentária tem para cada indivíduo pertencente a um desses grupos.

No entanto, verifica-se ainda, uma limitação dos estudos arrolados pelo facto de não discutir em que circunstâncias os indivíduos efectivam a construção da identidade social baseando-se na indumentária, negligenciando assim, que a identidade atribuída a um indivíduo, pode não ser a mesma pela qual o indivíduo se identifica, bem como também, pouco se sabe sobre como os jovens encaram e percebem essa relação indumentaria e identidade social, e não ficam explícitos os critérios usados para a atribuição de identidades sociais a partir da indumentária. Assim, tendo em conta essa lacuna propôs-se nesse trabalho discutir os processos que levam a construção da identidade social entre os jovens a partir da relação com a indumentária, com base na seguinte pergunta de partida: *De que forma o uso da indumentária tem relação com a construção da identidade social entre os jovens da cidade de Maputo?*

1.4 Hipótese

Como hipótese, partiu-se da ideia segundo a qual a construção das identidades sociais a partir da indumentária acontece mediante os significados partilhados dentro de um espaço de convivência social.

1.5 Objectivos

1.5.1. Objectivo Geral

- Compreender a relação entre a indumentária e a construção da identidade social entre os jovens.

1.5.2. Objectivos Específicos

- Identificar os significados que os jovens atribuem a indumentária;
- Descrever as práticas sobre a indumentária entre os jovens;
- Identificar as motivações que levam os jovens a escolher determinada indumentária;
- Analisar a relação entre a indumentária e a identidade social dos jovens.

1.6 Justificativa

A escolha do tema deriva do facto de ter presenciado nos grupos sociais uma tendência em classificar o que uma pessoa é em função da indumentária. A indumentária apresenta-se, desta forma, como um elemento que pode ser explorado de diversas formas tendo em conta os significados atribuídos em cada contexto de socialização.

Este estudo tornou-se pertinente para enriquecer a literatura já existente no campo das ciências sociais e em particular da sociologia, porque na maioria dos estudos realizados sobre a temática da indumentária estão relacionados a moda, *design* e marketing e pouco se explora a relação indumentária e identidade social. Deste modo, considerando que a indumentária e identidade social são elementos que fazem parte das interações sociais dos indivíduos, explorar o campo sociológico do fenómeno analisando o lado simbólico e significados a partir dos jovens, será pertinente para a compreensão desse fenómeno.

A pesquisa pode contribuir também na percepção das dinâmicas que ocorrem dentro da sociedade em um contexto em que a indumentária começa a ganhar novos significados, o que de certo modo pode influenciar na maneira como os indivíduos passam a encerrar a realidade social em volta da relação que se tem estabelecido em torno desse fenómeno, numa situação em que a representatividade do indivíduo e a sua identidade social são ditas pela aparência através da indumentária.

Capítulo 2: Enquadramento Teórico e Conceptual

2.1 Teoria de Base

Este estudo teve como base, a teoria de Erving Goffman (2002) sobre a representação do eu na vida quotidiana, através desta o autor propõe uma analogia da vida social baseando-se na ideia de um palco onde os indivíduos durante a interacção face a face usam da sua criatividade para gerir as impressões que deles se possa ter. Assim, o autor faz uso do carácter dramático e considera a maneira como os indivíduos se apresentam nas várias situações comuns de trabalho, a si mesmo e suas actividades para outras pessoas como sendo essenciais.

Goffman (2002) estabelece quatro postulados considerados essenciais para a compreensão do seu pensamento, nomeadamente: o primeiro diz que a sociedade tem um estatuto de organização segundo o qual os indivíduos que possuem categorias sociais têm o direito moral de esperar que os outros o valorizem e tratem de modo adequado; no segundo argumenta que o indivíduo que implícita ou explicitamente pretende ter certas categorias sociais deverá comportar-se na realidade de acordo com aquilo que diz ser; como terceiro postulado o indivíduo tem conhecimento tácito das normas e regras que regem uma determinada situação social; o último e quarto postulado sustenta que o indivíduo interage consigo e com os outros através de um processo comunicativo orientado pela sua capacidade interpretativa do universo simbólico em que se insere.

Para o autor, existem alguns elementos que compõem a peça teatral assim como a vida social, podendo se destacar o palco tido como o local onde ocorrem as representações e o actor se apresenta sob a máscara de um personagem projectado para outros actores; a fachada que são os elementos que permitem aos observadores identificar a situação; *personal front* que é o papel do actor e permite a identificação dos personagens; aparência que são as roupas que indicam o estatuto social do personagem; temos as maneiras que servem como indicadores do tipo de papel que o actor vai representar; *settings* que são as características físicas do cenário que sustentam a credibilidade do *personal front* e por último os bastidores tido como local em que os actores podem abandonar a máscara e serem exactamente como eles são (Goffman 1979).

Goffman afirma que, existem veículos de indícios usados para transmitir uma informação aos indivíduos quando se está perante uma interação face a face, e esses veículos permitem saber que conduta tomar perante algum indivíduo, deste modo:

“A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperara deles e o que ele pode esperar, uma vez que se um indivíduo for desconhecido os observadores podem obter a partir da sua conduta e aparência informações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos quase parecidos (Goffman 2002, p.11)”

A partir dessa informação, consideram-se as roupas e acessórios como elementos da indumentária, que são classificados como veículos de indícios, a partir dos quais os jovens transmitem informações da sua identidade quando se encontram em situação de co-presença física diante dos outros indivíduos. A informação que se carrega sobre a indumentária, vai ditar aos outros indivíduos a conduta desses jovens mediante os significados já desenvolvidos em situações anteriores sobre o que esperar diante de uma certa aparência.

Goffman (2002), mostra que os indivíduos podem assumir vários *selves* como forma de manter certa identidade ou transmitir uma certa aparência em função das expectativas que se tem sobre ele num determinado contexto social. O *self* transforma-se a medida que o indivíduo vai desempenhando diferentes papéis sociais e o *self* não resulta apenas da socialização primária do indivíduo mas também do processo de interação com o meio social em que o indivíduo está inserido, acrescenta ainda que o indivíduo não representa o seu papel para o bem dos outros mas sim o faz tendo em conta a convicção da sua impressão perante os outros.

A partir de Goffman, pode-se afirmar que, os indivíduos têm a capacidade de interpretar o universo simbólico à sua volta de modo com que, através do conhecimento que estes detêm com relação as normas e vida em sociedade, adotem comportamentos com relação à indumentária capazes de mostrar uma identidade, assim como possivelmente manipular, uma vez que cada indivíduo está propenso a se identificar de várias formas, ou seja, interpretar diferentes *selves* ou eu.

Através desta teoria foi possível perceber que na representação dos diferentes papéis que os indivíduos interpretam na sociedade, fazem uso da indumentária para transmitir uma certa aparência em função de algumas expectativas que pretendem passar em um determinado contexto social. Ou seja, a identidade dos indivíduos não é estática pois varia em função das situações sociais e contextos no qual se inserem.

Assim, fazendo um cruzamento com a teoria dramaturgica, pode-se afirmar que tendo em conta a indumentária, o indivíduo não é possuidor de identidade social, mas sim de várias identidades sociais ao que Goffman designa por *selves*, pois independentemente do indivíduo ter um estilo considerado próprio, este despe-se nalgum momento, para se adequar a certas condições sociais de um personagem que esteja de acordo com a situação social proposta.

2.2 Quadro Conceptual

Propôs-se nesta etapa, trazer a definição dos conceitos para o trabalho, partindo da ideia de que os conceitos são elementos que servem para clarificar e tornar um certo dado perceptível faz-se menção a diferentes definições e posterior posicionamento com relação como estes devem ser aqui tratados, para tal serão definidos os seguintes conceitos: indumentária e identidade social.

2.2.1 Indumentária

O conceito de indumentária para Monteiro (1999) serve como uma representação da auto-expressão dos indivíduos, na medida em que este é definido como sendo uma forma de a pessoa demonstrar que é única e pode se diferenciar de outras em função do que usa.

Segundo Silva (2007), a indumentária pode ser compreendida como cápsulas de informação na medida em que as suas peças e acessórios carregam consigo informações a respeito dos aspectos geográficos, económicos, culturais relativos a sociedade em que se vive.

Na concepção de Mota (2008) a indumentária é um fenómeno cultural, ou seja, uma das maneiras pela qual uma ordem social é experimentada e comunicada, deste modo é através dela que a posição de um indivíduo é processada dentro de uma ordem social.

A indumentária é um dos meios pela qual os indivíduos se localizam na cultura de uma sociedade da qual fazem parte, é por meio delas que se constrói uma identidade e se inserem nos grupos sociais. (Barnard 2006)

Para Barthes (1964), a indumentária é mais do que um conjunto complexo constituído por roupas, calçados, bolsas e acessórios compostos por sua significação que quando somados resultam no aspecto exterior do indivíduo. O mesmo autor, acrescenta que a indumentária corresponde a uma realidade institucional, social, e independente do indivíduo pois esta exprime uma relação intelectual entre o indivíduo e seu grupo.

As definições de indumentária acima citadas, sugerem que mais do que um conjunto físico de acessórios (bolsa, calçados, camisas, vestidos), a indumentária é um conceito revestido de significados sejam esses pessoais assim como de determinados grupos, capaz de fazer com que os indivíduos sejam identificados dentro de uma cultura ou sociedade. Deste modo, mesmo as definições sendo abrangentes, nesse trabalho entende-se a indumentária como sendo um meio/instrumento através do qual os indivíduos são capazes de construir uma identidade social. Os indicadores e dimensões deste conceito estão inseridos na tabela 1.

2.2.2 Identidade social

Este conceito pode ser considerado como polissémico na medida em que engloba diferentes maneiras de definição partindo da área na qual se destina. Entende-se por identidade o conjunto de características e traços próprios de um indivíduo ou comunidade, traços que caracterizam o sujeito ou a colectividade perante os demais, ou seja, o autor mostra que a identidade a partir de suas características exclusivas pode diferenciar pessoas, animais, plantas e objectos inanimados (Harvey, 2003).

Para Dubar (2006), a identidade é definida tendo em conta dois elementos essenciais, sendo o primeiro o que o indivíduo acha de si, e o segundo o que os outros indivíduos acham sobre ele, assim para o autor, a identidade define-se como sendo resultado da interacção entre a identidade para si e identidade para os outros.

Não distante de Dubar, Richard Jenkins (1996) advoga que a identidade não nasce conosco mas sim precisa de ser construída pela interacção com o outro, pois esta é que vai permitir a vida em sociedade a medida em que acontece a alteração de valores e padrões que guiam a mesma, pois os indivíduos têm o poder para moldar sua própria identidade.

Em Giddens (2005) a identidade está relacionada ao conjunto de compreensões que os indivíduos mantêm sobre quem eles são e o que é significativo, deste modo, este conceito alberga duas dimensões a seguir: a identidade social e a identidade pessoal; sendo a identidade social compreendida como um conjunto de características que são atribuídas aos

indivíduos pelos grupos permitindo distinguir quem ele é, e por outra, a identidade pessoal consiste na percepção que o indivíduo tem de si.

Pinto (1991) define a identidade social como algo que se constrói por integração e diferenciação, inclusão e exclusão onde este processo é feito de complementaridades, conflitos e lutas que espelham impuras e ambivalentes, ou seja, para Pinto a construção da identidade alimenta-se de alteridades e por isso não exclui convivências e infidelidades recíprocas.

Ao explorar as múltiplas formas de pertença dos indivíduos, Goffman (1988) defende que a identidade é algo múltiplo, flutuante e situacional, ou seja, o indivíduo não possui uma única identidade mas sim várias que estão no processo constante de mutação e modificação no percurso das interações humanas.

Deste modo, percebe-se que embora os autores que exploram o conceito de identidade social sejam vários, encontra-se em todos os autores um elemento comum que consiste na maneira que constroem o seu conceito, neste caso, os autores guiam-se em dois pontos centrais: a identidade conforme a percepção que se tem de si, e por outro, a percepção que os outros têm sobre o indivíduo. Neste trabalho, define-se a identidade social como sendo um conjunto de características dos indivíduos, resultantes da concepção que o indivíduo tem de si, assim como, a concepção que os outros têm deste, construídas em função da indumentária por estes trajadas.

2.3 Definição dos Indicadores

Tabela 1: Descrição das dimensões e indicadores conceptuais

Conceitos	Dimensões	Indicadores
Indumentária	Subjectiva (significado da roupa)	Significados e emoções que o indivíduo atribui a indumentária.
	Objectiva (tipo de roupa)	Vestidos, ternos, casaco, bermudas, camisas, saias, gravatas.
Identidade social	Pessoal	Atributos identitários consoante a percepção que o sujeito tem de si.
	Social	Atributos identitários definidos pelos outros; significados de identidade perante os outros.
	Cultural	Atributos definidos em função das crenças, valores e costumes sobre a indumentária.

Capítulo 3: Metodologia

Este capítulo engloba o conjunto de técnicas e métodos usados para a concretização desta pesquisa.

3.1 Método de abordagem

A presente pesquisa é um estudo qualitativo. Segundo Richardson (2008) esta abordagem é uma forma adequada de entender a natureza de um fenómeno social na medida em que pode ser caracterizada como a tentativa de compreensão detalhada dos significados e condições de determinadas situações sociais. Optou-se por uma pesquisa qualitativa porque permitiu melhor compreensão da construção da identidade social. A abordagem permitiu ainda captar aspectos subjectivos, e emoções dos actores sobre como a indumentária relaciona-se com a construção das identidades sociais no seio dos jovens.

3.2 Método de procedimento

Como forma de procedimento, usou-se o método monográfico. Este consiste em escolher poucos casos a partir dos quais se pode obter informações sobre os mesmos de modo a encontrar elementos relevantes para a pesquisa (Gil, 2007).

A escolha deste método deveu-se ao facto de poder conceber uma análise profunda do objecto capaz de permitir a representação de outros casos semelhantes através da exploração de poucos casos, tendo em conta este pressuposto foi possível através dos casos identificados obter informações capazes de fazer uma exploração do objecto no que tange a construção da identidade social mediante a forma como os jovens se sentem representados por uma indumentária.

3.3 População e amostra

3.3.1 População

A população é definida como sendo o número total de indivíduos pertencentes a uma sociedade, grupo, que possuem determinadas características (Richardson, 2008). Para este estudo a população foi composta por jovens com idades compreendidas entre os 18-25 anos que residem na cidade de Maputo.

3.3.2 Amostra e técnica de amostragem

Segundo Gil (2008), a amostra é definida como sendo o subconjunto da população por meio da qual se estabelecem características a serem estudadas. Foi usada a técnica de amostragem

não-probabilística por conveniência/acessibilidade que consistiu em seleccionar os entrevistados consoante a forma como se mostravam acessíveis. Usando esta técnica, foram seleccionados 18 jovens de idade entre os 18 e 25 anos para compor a amostra, dos quais 8 são homens e 10 são mulheres. A amostra foi constituída por jovens com as seguintes características: solteiros, estudantes, trabalhadores, e outros que eram estudantes e trabalhadores em simultâneo. Como critério para pertencer a amostra, era necessário estar dentro da faixa etária dos 18 a 25 anos e ser residente na cidade de Maputo.

3.3.3 Técnica de recolha de dados

Para a colecta de dados foram usadas entrevistas semi-estruturadas. Este tipo de entrevista consiste na recolha de informações sobre um determinado assunto através de perguntas já pré-estabelecidas pelo investigador. A técnica possibilita também a recolha de ideias, sentimentos e emoções consoante a linha do investigador (Richardson, 2008).

Essa técnica permitiu um contacto directo com os participantes, através da administração de um roteiro previamente formulado, onde as entrevistas foram administradas de maneira individual o que permitiu que não houvesse um condicionalismo nas respostas dos participantes. O tempo das entrevistas foi de 14 á 38 minutos.

A técnica de entrevista foi combinada a técnica de observação directa que consiste na utilização dos sentidos para compreender determinados aspectos da realidade, não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos a observar (Lakatos e Marconi, 1992). A observação directa serviu para recolher dados sobre o comportamento dos jovens com relação ao tipo de roupa que estes adquirem, os estilos e cores, assim como técnicas usadas para montagem de *looks*, onde foi possível ter acesso a algumas peças que compõem o Guarda-roupa dos entrevistados.

Os dados foram recolhidos de forma presencial usando um celular para a gravação das entrevistas, mediante a permissão que foi dada pelos entrevistados, através do preenchimento do termo de consentimento informado. Após a gravação, os dados foram armazenados em áudios e transcritos para o papel, em sequência foram passados para o computador e feita uma posterior análise. Feita a utilização dos dados concebidos, as gravações foram apagadas com vista a preservação da identidade dos entrevistados conforme o combinado no acto da medida de autorização.

3.4. Técnica de análise de dados

A análise de dados procedeu-se com base na técnica de análise de conteúdo que consiste na análise das mensagens e discursos que permitam obter conhecimentos importantes para a pesquisa. Neste tipo de análise os dados são considerados totalmente brutos e há necessidade de trabalharmos com vista a refinar o seu conteúdo e encontrar elementos relevantes para a pesquisa (Richardson apud Bardin, 2008,p.223). Esta técnica foi usada para analisar os depoimentos obtidos através da entrevista assim como os significados advindos das mensagens dos participantes, uma vez que as entrevistas estavam em áudios, primeiro fez-se a transcrição das mesmas, depois categorização e por último uma análise.

3.5 Procedimentos éticos da pesquisa

De acordo com Colonna (2012) um trabalho de pesquisa deve sempre se preocupar em dar atenção a aspectos éticos. Neste trabalho observamos o uso do consentimento informado como um dos mecanismos éticos da pesquisa, onde foi aplicado com vista a dar a conhecer aos participantes o direito de participar/não da pesquisa, assim como fez-se um esclarecimento sobre os objectivos da pesquisa e para que fim ela se destina.

Ainda no que tange ao consentimento dos entrevistados, pediu-se uma autorização para a gravação das entrevistas no momento da recolha dos dados, estas foram gravadas fazendo recurso ao uso de telefones e posteriormente guardadas em áudio de acordo com a numeração da entrevista, e após o seu uso foram apagadas. Com vista a preservação da identidade dos participantes da pesquisa, estes identificaram-se a partir do número da entrevista e um pseudónimo e, a análise de dados foi feita observando outras categorias que não envolvem o nome dos participantes. As entrevistas foram dirigidas em lugares a escolha dos participantes como forma de fazer com que estes se sentissem mais à vontade.

3.6 Constrangimentos da pesquisa

No decurso da pesquisa houve alguns desafios, desde a própria concepção do trabalho até ao trabalho de campo, onde um deles esteve ligado ao facto da temática indumentária não ter sido ainda muito explorada no contexto moçambicano, o que fez com que na revisão da literatura se apresentassem algumas dificuldades para localizar o material a usar, assim, optou-se por usar estudos mais aproximados a outros contextos e fizesse uma ligação com o moçambicano.

Outro constrangimento foi o incumprimento do horário por parte de alguns entrevistados, assim como, o adiamento das entrevistas o que de certo modo comprometia a realização de algumas entrevistas porque houve situações em que acontecia uma coincidência de horário, daí, como forma de ultrapassar este desafio muitas vezes tivemos que endereçar um pedido de desculpas e reajustar as entrevistas de modo a que não perdêssemos os entrevistados que já se haviam comprometido.

Outro constrangimento esteve ligado a recolha dos dados onde alguns entrevistados não se sentiam à vontade em falar do seu rendimento mensal, mas por forma a ultrapassar esse obstáculo optou-se em, no lugar de revelar o valor exacto, colocar-se um valor aproximado.

Capítulo 4: Apresentação, análise e interpretação dos dados

No presente capítulo, apresentam-se os dados obtidos durante a pesquisa no campo. Para a análise dos mesmos recorreu-se a perspectiva dramaturgica de Goffman referente a representação do Eu na vida quotidiana, na qual se pode considerar os jovens como actores sociais que interpretam diferentes *selves* na busca da construção identitária. Os dados da análise estão organizados da seguinte forma: primeiro apresenta-se o perfil sociodemográfico dos participantes, seguido dos significados da indumentária encontram-se as práticas e motivações deixadas pelos jovens sobre a indumentária, em terceiro discute-se a construção da identidade a partir da indumentária e em último analisa-se a relação identidade e indumentária.

4.1 Perfil sociodemográfico dos Entrevistados

Neste trabalho foram entrevistados 18 jovens de ambos os sexos, com idades que variam dos 18 a 25 anos. A maioria dos participantes ainda se encontram a frequentar alguma instituição de ensino, pelo que, a categoria de ocupação mais citada foi a de estudante. Na mesma tabela, pode-se verificar que todos os participantes que participaram do estudo são solteiros e residentes nos bairros de Bagamoio, Choupal, Zimpeto, Benfica, Magoanine e Alto-maé.

Alguns participantes eram trabalhadores e desempenhavam as seguintes profissões: professor, criador de conteúdos digitais, polícia e vendedor. Os participantes auferiam um salário mensal que variava de aproximadamente 3000 a 10000 mil meticais. Alguns participantes que não trabalhavam suportavam suas despesas mensais através da mesada oferecida pelos pais, assim como, a sua poupança que deriva dos "trocos" obtidos através de idas aos mercados e escola.

No que diz respeito a religião, os participantes cristãos frequentavam as Igrejas católica, Velha apostólica, Presbiteriana e alguns Ateus. O agregado familiar desses variava de 2 a 14 indivíduos sendo compostos por amigos, pais, irmãos, primos, tios, avós, cunhadas e sobrinhos.

Tabela 2: Características sociodemográficas dos participantes

Categorias	Mulheres(n-10)	Homens(n-8)
Idade		
18-20	3	3
21-22	3	2
23-25	4	3
Nível de escolaridade		
Médio completo	2	4
Técnico médio em curso	1	0
Técnico profissional em curso	0	1
Superior em curso	5	2
Superior completo	2	1
Estado civil		
Solteiro	10	8
Casado	0	0
Ocupação		
Estudante	6	3
Trabalhador	1	3
Estudante e trabalhador	2	1
Residência		
Bagamoio	2	3
Magoanine	2	0
Alto-maé	1	0
Choupal A e B	3	2
Benfica	1	2
Zimpeto	1	1
Religião		
Cristão	9	5
Não-cristão	1	3

4.2 Significados atribuídos pelos jovens á indumentária

Os participantes atribuíram diferentes significados a indumentária. Alguns jovens afirmaram que a indumentária significa um elemento que serve para vestir o corpo e protegê-lo, porque para que possam se fazer a rua é necessário que estejam cobertos de alguma indumentária, conforme expõem:

*“Roupa é um traje ou veste que os indivíduos usam nas diversas ocasiões ou no seu dia-a-dia que pode ter várias características assim como não”
(participante 1, 24 anos, licenciada).*

“ Para que eu possa sair e ter com outras pessoas, é necessário que eu esteja vestido e roupa para mim precisa ter um significado porque não posso usar algo que vai me parecer ter outra conduta como aquelas calças rasgadas que existem por ai, roupa para mim significa algo qualificável”(participante 3, 23 anos, estudante).

Para outros participantes, a indumentária significa identificação, pois é mediante as suas roupas que podem representar uma parte daquilo que eles consideram ser ou mostrar, seja em termos de responsabilidade ou ego.

“ Para mim é definição, roupa é tudo que me identifica isto porque eu só uso coisas que vão fazer com que eu me identifique, independente do que for seja, sapato, calça deve ser a minha cara”(participante 4, 20 anos, estudante).

“[...] Procuo nunca me vestir de maneira escandalosa ou que cause uma ma impressão para quem me vir andando, desse jeito dou um significado de responsabilidade as roupas que uso mas nunca saindo da moda socialmente aceite”(participante 6, 23 anos, técnico informático).

“Roupa é a apresentação do meu ser, a minha aparência de fora, através dela defino os meus valores”(participante 7, 24 anos, técnico médio).

Para alguns participantes, a indumentária significa diferenciação entre os indivíduos, na medida em que cada indivíduo tem a capacidade de vestir consoante as suas formas de ser e estar, o que vai torná-lo diferente dos outros.

“ Roupa para mim é um vestuário que serve para cobrir o corpo e para te deixar diferente dos outros”(participante 13, 22 anos, criadora de conteúdos digitais).

4.2.1 Significados sobre a roupa especial entre os jovens

No que concerne a roupa especial, todos participantes afirmaram que tem uma peça da indumentária que se distingue das outras. Em relação ao significado dessa roupa ser especial, os participantes mostraram diferentes posições, das quais alguns participantes advogam que a roupa é especial pelo facto do seu uso não ser rotineiro e estar apenas reservado para situações de saídas especiais, idas a festas e eventos marcantes da sua vida.

“Roupa especial é toda aquela que visto em ocasiões que considero sublimes e especiais como malta casamentos, festas em amigos, aniversários, saídas com aquela pessoa, e as considero especiais por não serem de uso habitual” (participante 10, 24 anos, estudante).

“ É aquela do fundo da mala, uso em momentos marcantes e históricos, por ter um significado tão especial deixo mais a enfeitar meu guarda-roupa do que meu próprio corpo” (participante 2,22 anos, empreendedora).

Outros participantes atribuíram um significado de especial a sua roupa, pelo facto de constituir uma lembrança que se tem de alguém que faz/fez parte das suas vidas.

“ Roupa especial são minhas calças azuis que já estão pálidas até, mas considero como sendo especial porque é a única coisa que eu tenho de algo que meu pai me ofereceu nesta vida e me sinto bem e estável com ela porque sempre que visto me lembro dele” (participante 4, 20 anos, estudante).

Algumas participantes referiram que a indumentária tem o significado de mostrar o ser mulher, ou seja, a partir da indumentária e em especial a capulana vêem uma forma de se identificar pelo sexo.

“o significado das minhas roupas é diversificado porque constitui para mim algo que me identifica como mulher, em particular como moçambicana, me refiro a capulana que uso em diversos fins seja em casa ou em ocasiões especiais e o significado advém da importância que dou a roupa em casa ocasião” (participante 1, 24 anos, licenciada).

Tanto os participantes homens assim como mulheres, afirmaram em unanimidade que falar de roupa especial é relatar aquele conjunto de peças da indumentária que se faz uso em momentos exclusivos, e que muitas das vezes apesar de circunstanciais, tornam-se marcantes. A divergência dos significados atribuídos a roupa especial, aparece no momento em que algumas mulheres exaltam a capulana como um símbolo especial que exalta a sua identidade como mulheres, diferente dos homens que em momento algum citaram como sendo algo especial.

4.3 Descrição das práticas adotadas pelos jovens sobre a indumentária

Este subcapítulo apresenta as práticas adotadas pelos participantes na sua indumentária, onde se faz menção desde como é feita a organização do lugar em que guardam os seus pertences, como decidem qual usar e qual tem sido a indumentária predominante de cada um.

No que diz respeito a indumentária predominante, tanto participantes do sexo masculino assim como feminino, afirmaram que têm roupas que vêem a necessidade de fazer uso no seu dia-a-dia, tendo-se destacado calças, camisas, blusas, saias, vestidos, bermudas e roupa íntima.

“Sou fã de camisas e calças formais, também tenho calcões acima do joelho, umas duas calças dos anos 80 que uso para ir em casa de vovó, sem esquecer da roupa íntima” (participante 5,21 anos, estudante).

“Tenho vestidos, blusas, não gosto de saias, colantes usei uma vez e não gostei por isso ofereci então não vale, gosto de blusas executivas para escola e tenho capulanas porque sou mulher...a maioria das roupas são pretas por ser minha cor favorita” (participante 3,23 anos, estudante).

Segundo os participantes, a arrumação do lugar em que guardam a roupa é feita em fases e subdivisões, dependendo do que for pode ser no guarda-roupa, armário, bacias ou caixas. Consta-se que em primeiro geralmente vem a roupa que é tida como a confiada aquela que fica no fundo da mala, em seguida a menos usada e por último a usada frequentemente, os calçados ficam na parte exterior e os acessórios de lado.

“Arrumo meu guarda-roupa em três fases: primeiro calças e blusas, em baixo saias e vestidos e na terceira fase costumo juntar tudo” (participante 15,20 anos, estudante).

“Coloco de acordo como visto, as coisas que uso frequentemente ficam a frente e as restantes de trás destas” (participante 17, 21 anos, empreendedor).

“Agrupo de acordo com suas características, as mais bonitas ficam a frente e bem visíveis, aquelas sem cor deixo lá em baixo, aquelas que gosto deixo bem arrumadas, tem umas que sempre ficam no vácuo mas há um dia que sempre uso eah, malta sapato fica jogado pelo quarto” (participante 18,19 anos, representante de vendas).

No que tange às práticas de uso da indumentária, os participantes de ambos os sexos, referenciaram os critérios usados na escolha da indumentária a usar no seu dia-a-dia, onde uma parte afirmou categoricamente que o clima é um elemento crucial na altura de escolher a roupa.

“Aleatoriamente ou de acordo com a temperatura que for a sentir esse dia, sempre antecipo ver a temperatura no dia anterior, isso quando saio de manhã, mas quando vou sair de tarde aproveito para sentir como a temperatura estará nas primeiras horas do dia e se há previsão de mudança” (participante 15, 20 anos, estudante).

“Quanto a esse aspecto, eu dependo muito da temperatura na verdade, o lugar em que vou também conta porque deves saber que nem toda roupa e acessórios são aceitáveis em qualquer lugar, mas o que vou lá fazer também conta” (participante 6, 23 anos, técnico informático).

Os participantes afirmaram ainda que, a ocasião é tão fundamental no momento de decidir que roupa vestir, razão pela qual os jovens advogam em vários momentos as expressões (o lugar para onde vou, lugar a frequentar), o que significa que as interações e lugares sociais que os jovens frequentam têm um papel relevante na maneira como os indivíduos usam da sua indumentária.

“Eu decido em função da ocasião que tenho nesse dia, porque para cada ocasião tenho uma roupa específica [...]” (participante 11, 18 anos, estudante).

“Eu dependo muito de para onde vou e com quem, principalmente o que lá vou tratar” (participante 9, 23 anos, professor).

4.3.1 Motivações para o uso e compra da indumentária entre os jovens

Os participantes do sexo masculino assim como do sexo feminino exprimem várias motivações por detrás do uso de determinadas indumentárias, destacando-se o exibicionismo aliado a marca como uma das mais predominantes, porque os participantes argumentam que vestir certas roupas, acessórios constitui uma forma de puxar a atenção para o corpo, deste modo, optam em fazer uso de roupas chamativas e consideradas conhecidas por muitos como tendo alguma relevância ou elegância.

“Gosto da minha roupa porque me define... mas não gosto de roupas que não foram adquiridas por mim, estas a ver uma cor, uma marca que me encarna é aquilo que me deixa a ter vontade de vestir, principalmente quando me chama a algo” (participante 15, 20 anos, estudante).

“Qualidade e marca essas duas coisas são o ponto, basta tchegar uma adidas, nike ya fico extremamente motivado porque são coisas que sei basta usar, vão me olhar e logo vou me sentir maning nice” (participante 14,23 anos, vendedor).

Outra motivação referida pelos participantes tem a ver com a informação que a indumentária pode passar para quem está a observa-lo como indivíduo, por isso, este afirma que:

“[...] Uso roupa que vai passar algo para mim ou remeter a algo sobre mim, deve ter uma mensagem pois esta é a maior coisa para mim, a peça deve sempre me tocar pela mensagem por isso posso até estar a caminhar e ver uma camisa assim que me remeta a algo tipo desenho de tom and jerry eu logo vou me remeter a minha infância ai logo vou querer obter ela para mim porque me chama atenção a mensagem que poderá para sobre mim, como por exemplo de uma pessoa que gosta de ver desenhos animados.” (participante 16, 25 anos, polícia).

A última motivação citada pelos participantes, é referente aos seus gostos e estilos, pois ambos os sexos argumentam que, de nada adianta usarem algo que não vão se sentir à-vontade simplesmente por ter de obedecer a alguém, conforme ilustram:

“Para que eu possa vestir... na minha casa já sabem que é normal comprarem algo para mim e eu não usar, até de rebelde e mal direccionada (puta) já me disseram que sou, mas eu não tenho nada a ver porque não vou vestir algo que não faz meu estilo só para agradar a alguém hee isso eu não faço, as cores também contam muito, porque eu gosto de cores vivas e coisas bem curtas de pouco pano, se ter essas duas características haa visto numa boa, o resto que não tem não me motiva nem pouco porque não gosto” (participante 12, 19 anos, estudante).

“Eu tenho que gostar, algo que me motiva a comprar é ver algo que vou olhar e gostar porque se eu não gostar dificilmente vou usar, pior se for a pagar

com meu dinheiro (rsrsr) então não gosto de comprar para não usar” (participante 17, 21 anos, estudante).

“ eu sou e gosto de ser fofinho, logo o estilo deve se enquadrar, por vezes vou na internet e pergunto como ser um fofinho e que coisas usar, o estilo para mim e o básico tenho que ser aquele tipo que essas gajas vão querer apreciar só pela forma de vestir”(participante 4, 20 anos, estudante).

4.4. Indumentária como meio de construção de identidade entre os jovens

Este subcapítulo discute a questão da construção identitária a partir da indumentária tendo em conta dois pontos centrais. Primeiro, sobre como a roupa pode mostrar uma personalidade e em segundo sobre o papel da indumentária na construção das identidades.

4.4.1 O uso das roupas na demonstração da personalidade

Com vista a reflectir sobre como a indumentária poderia mostrar uma personalidade, procurou-se saber dos participantes se a sua forma de vestir estaria ligada a algum traço que pudesse mostrar aquilo que eles são. Os participantes de ambos sexos foram unânimes ao afirmar que a forma de vestir, está directamente ligada a forma como eles se representam em algum momento, conforme ilustram os depoimentos:

“Minhas roupas descrevem aquilo que eu sou, aquilo que quero mostrar para as pessoas, minhas roupas revelam o meu eu” (participante 12, 19 anos, estudante).

“As roupas acho que me descrevem ou na verdade descrevem a postura que quero mostrar aos outros, porque por vezes visto para mostrar meu humor naquele dia, a maneira como estou a me sentir, dai abro meu guarda-roupa e digo hoje será essa para combinar com a forma como acordei mas ohh há dias que não quero mostrar nada mas porque as pessoas próximas já me conhecem mesmo eu estar triste vou vestir colorido” (participante 8, 21 anos, estudante).

“Roupa é a apresentação do meu ser, a aparência de fora depende dela pois através das minhas vestes defino os meus valores, independente do que as pessoas digam estou a transmitir o que eu sei e sinto através do uso delas” (participante 1, 24 anos, licenciada).

Na mesma ordem de ideias, os participantes afirmaram que além da roupa poder transmitir a maneira como eles se representam, esta pode também revelar algo sobre as pessoas, mas repisou-se que nem sempre nos é revelado o que representa a verdade sobre um indivíduo, o que se resume nos seguintes depoimentos:

“ é propaganda haa (sorrisos) as pessoas vestem para aparecer, estou a te dizer[...] do nada vais ver um gajo txunado de terno e tal a te rambar, mas quem diria que ele faria isso tendo em conta a roupa que vestiu. Ninguém porque na nossa cabeça é um gajo sério mas vais ver um gah esfarrapado a te socorrer e ajudar mas lhe fugimos por ver a forma dele de vestir”(participante 10, 24 anos, trabalhador e estudante).

“ Nossas roupas, acessórios podem mostrar algo assim como não porque infelizmente eu acho que nem todo mundo tem uma personalidade ou pelo menos inventam que tem, a esses eu chamo de falsos porque tentam passar algo que não são, fingem usando griffs para o boi ver e apreciar dependendo de com quem estão” (participante 16, 25 anos, polícia).

4.4.2 O papel da indumentária na construção das identidades sociais

No que concerne ao papel que a indumentária carrega na construção das identidades, os participantes afirmam que, a indumentária carrega o papel de projectar identidades aos indivíduos através dos símbolos que conscientemente ou não, os indivíduos usam de maneira a interpretar ou determinar seus sentimentos e pensamentos a um lugar ou situação.

“Me olho como uma pessoa séria, ao vestir me projecto para impressionar a mim por isso gosto de me vestir muito bem, e também tenho que ter um pouco em conta que as pessoas vão me notar, por isso costumo pensar no que vai ser para os outros me ver de uma certa roupa ou sapato” (participante 18,19 anos, representante de vendas).

“ Quando me visto, procuro me projectar a um certo lugar ou seja, sempre pautando por uma boa imagem que gosto de deixar ficar primeiro para mim porque antes de mais tenho que me sentir bem comigo mesmo e depois para a pessoa com quem vou ter ou grupo que vou conversar” (participante 9,23 anos, professor).

“É para as pessoas, sempre digo isso porque nos dias de hoje dificilmente fazemos algo sem pensar nos outros, depois como tenho baixa auto-estima penso sempre no que as pessoas vão achar e dizer, então de alguma forma procuro estar sempre a me enquadrar...não quero que me olhem de maneira estranha na rua, existem olhares que assustam e por causa desse meu problema sempre me olho a pensar que estou mal...para mim é importante o que as pessoas vão dizer, por isso volto a repetir, projecto para os outros” (participante 1, 24 anos, licenciada).

Assim, os participantes se vêem na perspectiva de fazer uso da indumentária para projectar uma identidade para si e para os outros, ou seja, na projecção da identidade, os indivíduos tem em conta aquelas que são as percepções que estes tem de si sobre uma indumentária assim como as que os outros tem sobre eles, fazendo deste modo com que, a sua identidade seja combinada e projectada em ambos os sentidos de impressionar o individuo em si, assim como aos outros ao seu redor.

Os participantes do sexo masculino acrescentam que, a sua identidade é encarada de forma diferente dependendo da situação ou contexto que o indivíduo presencia ou vive, existe uma disposição diferente, assim, em função desse contexto e dos papéis sociais que o indivíduo desempenhar, a indumentária terá uma tendência a adaptar-se a uma identidade própria da situação que o indivíduo estiver.

“A roupa exerce um papel importante na definição de personalidades, poderei parecer estranho ao pluralizar personalidades mas acho justo pois carrego comigo uma determinada personalidade que é extremamente diferente do que levo em outros lugares, mas no geral a partir da indumentária me defino como sendo uma pessoa responsável” (participante 8, 21 anos, estudante).

“Na verdade acho que passo varias coisas, porque quando estou em casa visto feito um mendigo, mas tem aquele dia que vou a igreja e como sou instrumentista tenho de estar de modo adequado a uma pessoa que primeiro esta na igreja e depois tem uma função lá a desempenhar logo tenho de me adequar aquele momento para não parecer um deslocado da minha função, mas no geral me defino como uma pessoa diversa” (participante 6, 23 anos, informático).

A questão da socialização foi um dos pontos referidos pelos participantes sobre como os indivíduos atribuem um sentido a indumentária, isto porque considera-se a identidade como produto construído do processo de socialização pelo qual o indivíduo passa, a indumentária carrega um papel importante como um instrumento de comunicação e representação dos participantes, na medida em que os indivíduos podem expressar quem são de maneira não-verbal, assim como pode-se afirmar que a identidade não depende exclusivamente do indivíduo, pois esta pode ser inculcada durante o percurso de vida.

“As roupas são a aparência das pessoas, antes de ouvirmos a alguém a sua roupa e acessórios já falam de forma superficial o que a pessoa pode nos dizer, as circunstâncias, através da roupa determinamos onde nasceu, onde vive, isso por causa da cultura presente em forma de vestes que cria pontos de se comunicar com a pessoa sem que necessariamente saibamos quem é ou usemos palavras; o uniforme por exemplo nos mostra que alguém é aluno sem precisarmos perguntar quem tu és porque é o que me foi ensinado a ver pelas pessoas ao meu redor” (participante 9, 23 anos, professor).

“Essa coisa de identidade vem desde cedo, naquele tempo que não escolhíamos roupa seja largo ou fechado tínhamos que usar e assim passaram anos e habituamos porque é o que me ensinaram e eu habituei, então quando vimos algo diferente se torna estranho...” (participante 2, 22 anos, empreendedora).

4.5 A relação indumentária e identidade

Para os participantes, está cada vez mais difícil assumir uma identidade, seja por falta de autoconhecimento, as inúmeras possibilidades de ser e ter características várias, pelos factores que influenciam a decisão ou a mudança constante do que esta ao redor do “eu” contudo, mesmo diante dessas possibilidades, participantes de ambos os sexos demonstram que encontram na indumentária uma forma de se destacar e diferenciar dos outros criando uma identidade individual ou de grupo.

“ o que eu visto deve me identificar, alguém olhar para mim e dizer aquele é...que está a passar, uma vez veio um amigo meu e abriu meu guarda-roupa encontrou uma calça rasgada do meu primo e me perguntou é sua? Eu disse não. Logo ele disse só queria confirmar porque eu não te conheço a vestir essas coisas, você não é assim” (participante 14, 23 anos, vendedor).

“o que eleva minha auto-estima é acordar feliz, a roupa não muito porque quando visto é mais para cobrir meu corpo e me sentir bem, as pessoas costumam comentar e dizer que tenho de me cuidar mais por ser mulher, mas o que elas falam não tem influência naquilo que sou, porque me sinto à vontade como sou e não deixo de ser mulher por causa de me acharem desleixada”(participante 5, 21 anos, estudante).

Os participantes afirmam que, a relação entre roupa e identidade na vida dos indivíduos inicia desde sempre, como certas peças e cores estão directamente relacionadas em função do que o indivíduo diz ser, esse momento se inicia quando crianças e escolhe-se cor-de-rosa para meninas, azul para rapazes logo se dá entrada na identificação dos indivíduos mediante as cores das roupas trazidas por estes.

“Reflecte sim, porque existem roupas que já dão a impressão de ser alguma coisa e que acção estas a desempenhar até certo ponto, há pessoas que olho e logo digo só pode ser maluca porque uma pessoa normal não vestiria assim, o mesmo acontece quando vejo alguém de preto (batom preto, roupa preta, sapato preto, unhas, aquelas coisas de mulher gato) logo dá a impressão de ser alguém ligado a rock ”(participante 3, 23 anos, estudante).

Os participantes afirmam ainda que, a relação corresponde aos modos de viver em sociedade e detalham que a indumentária cria atributos que podem exprimir o poder para um chefe, superioridade para um super-homem, assim como a manifestação de autoridade para um policial, isto porque, em cada roupa ou traje existem símbolos específicos atribuídos a uma certa identidade como o aluno que tem uniforme e o médico que tem bata.

“Existem roupas que já sabemos que tipo de pessoas são só de olharmos porque já induzem a certas características como o de ser policia ou soldado, hoje podes encontrar alguém daquele fatinho com desenhos de sontxas logo sem falar com a pessoa vais dizer é policia ou trabalha no quartel, porque a roupa esta induzir a aquelas coisas que nós temos na cabeça de que vestiui assim porque é aquilo”(participante 8, 21 anos, estudante).

4.6 Discussão dos Resultados

Os resultados deste trabalho demonstram que a questão dos significados sobre a indumentária varia em função da informação que cada indivíduo obtém acerca do objecto. Torna-se visível ainda a necessidade do indivíduo procurar dar significados face à o que os outros pensarão sobre o seu comportamento, reforçando a tese apresentada por Goffman (2002), quando afirma que durante a interacção face a face, os indivíduos buscam gerir as impressões que os outros terão sobre eles através do processo comunicativo e usam da sua criatividade como forma de permanecer na situação.

Para os jovens a indumentária significa protecção, identificação e diferenciação. Primeiro a indumentária é percebida como socialização, na medida em que os participantes afirmam ter crescido a serem ensinados de que devem trajar roupas, porque é por meio desta que vão poder sair a rua e encontrar outras pessoas, nota-se nesse ponto a partir da definição de socialização proposta por Dubar (2005) como sendo a imersão dos indivíduos no mundo vivido, então os indivíduos olham para a indumentária como um elemento que lhes vai permitir a sociabilidade.

A questão de identificação e diferenciação foi um ponto da interpretação da indumentária levantado também por Monteiro (1999), quando afirma que a roupa serviu para criar diferenciação dentro da sociedade entre as classes sociais, mas hoje em dia, a roupa serve também para identificar a qual grupo a pessoa pertence, mas isso não impede o carácter diferencial, porque cada grupo tem seus modos de ser estar.

Adicionalmente aos significados, os participantes afirmaram que existe uma dada indumentária considerada especial, que é a mais estimada pelos indivíduos por vários motivos, tais como o facto de ser uma roupa oferecida por alguém de quem eles gostam muito, acessório ou peça usados em um evento marcante da vida destes, assim como porque simplesmente é um elemento que lhes lembra alguém.

Desta feita, os dados são consistentes com o pensamento de Simmel (2005), quando destaca a roupa como forma de vida social pela qual se produz um compromisso, na medida em que esta está ligada a história de cada um em cada momento vivido. Para o autor, vestimos algo que compõe a paisagem do vivido seja em festa, baptizado, casamento ou outro tipo de cerimónia na qual se veste e investe em memórias e significados.

Schutz (1979) afirma que os sujeitos têm a capacidade de criar e recriar significados inerentes aos diferentes aspectos da vida quotidiana, assim, face a todos elementos aqui citados, pode-se afirmar que os significados que os jovens atribuem a roupa, envolve um constructo individual e colectivo que inclui e recria os sujeitos individuais e colectivos. Mediante a posição inicialmente levantado neste trabalho sobre a questão de mudança nos significados existentes na indumentária, nota-se através dos dados da pesquisa que os jovens têm a capacidade de criar e recriar os significados atribuídos a indumentária mediante o momento em que farão uso desta.

Quanto às práticas adoptadas pelos participantes na sua indumentária, nota-se que as expressões "lugar a frequentar, para onde vou, o lugar em que vou" foram citadas pela maioria dos entrevistados, o que faz perceber que a questão de espaço social designado por Simmel e Raymond (1995) como sendo um campo de inter-relações sociais constitui um elemento importante composto de diferentes significados que reflectem no quotidiano dos jovens no momento de classificação da indumentária a usar.

No que concerne as motivações, os participantes citaram que como motivos para usarem uma indumentária, estes têm em atenção a mensagem que vai ser passada, seus gostos, estilos, a marca e a qualidade. Embora os participantes salientem o gosto como uma questão particular, Bourdieu (2007) advoga que, algumas roupas e maneira de vestir são práticas classificadas e reproduzidas socialmente em função dos hábitos. Deste modo, se afirma que embora os entrevistados tenham a ideia de que os seus gostos são mais importantes do que os outros poderão pensar destes, há que referir que os gostos desses mesmos indivíduos são fruto de uma ordem social desenvolvida pelos actores no decorrer da sua vida em diferentes circunstâncias.

Referente a construção da identidade a partir da indumentária, os participantes vêem nas suas roupas uma forma de se representarem, não apenas de maneira física, mas também demonstram através delas aquelas que são suas emoções subjectivas, o que mostra a capacidade que a indumentária tem de poder abarcar uma parte daquelas que são as características e personalidades dos indivíduos.

Adicionalmente existe a questão que Goffman (2002) denomina de fachada, onde os indivíduos a partir da interpretação do universo simbólico fazem uso da roupa a seu favor para mostrar algo que eles são assim como não de maneira a atingir os seus objectivos. Svenden (2008), mostra que as primeiras impressões que se tem dos indivíduos são retiradas

das vestimentas por estes trajadas mesmo que podem nem sempre transmitir indicações tão óbvias da identidade dos indivíduos, a acção de vestir abrange um nível que vai além da simples função de cobrir o corpo englobando um conjunto de significados inerentes ao local que o indivíduo esta inserido, deste modo, os participantes alegam que a roupa pode revelar detalhes sobre as pessoas, mas repisou-se que nem sempre nos é revelado o que representa a verdade sobre um indivíduo.

Deste modo, a indumentária pode transparecer uma sensação de falsa-identidade, onde o traje usado pelo indivíduo não será proporcional nem sempre a aquelas que são suas atitudes, o que leva a informar que mediante os significados que os indivíduos atribuem a certas indumentarias, há quem faz uso destes como forma de encarar um cenário para interpretar um papel de acordo com o momento que está decorrer e o público a se dirigir.

Mediante o conceito de identidade social proposto para este trabalho, junto com a perspectiva de Goffman (2002) pode se afirmar que na construção das identidades, os indivíduos tomam em consideração dois aspectos importantes que são: a identidade social que é construída tendo em conta as categorias sociais atribuídas pelos outros; e a identidade pessoal que é resultante das categorias pessoais dos indivíduos. Assim, tomando em conta esses pontos constata-se através da pesquisa que os participantes se vêem na perspectiva de fazer uso da indumentária para construir identidade mediante as duas vertentes acima consideradas.

Partindo da perspectiva de Goffman (2002), afirma-se que a construção das identidades sociais dos participantes mediante a indumentária, é feita num sentido de alteridade, pois por um lado busca-se construir aquela que é uma identidade que os indivíduos consideram própria do seu ser, mas por outro vê-se na necessidade de se adequar a identidade da colectividade porque existem situações nos quais os comportamentos e práticas incluem questões de sociabilidade em que se tem certas expectativas de como os indivíduos devem trajar-se. Assim, Goffman (2002) defende o pressuposto segundo a qual os indivíduos têm um conhecimento mínimo das normas e regras que regem uma determinada sociedade, deste modo, considera-se que mediante as situações sociais vivenciadas pelos jovens estes detêm um conjunto de conhecimentos sobre a indumentária através das quais formarão concepções da sua identidade.

Ainda em Goffman (1983) quando explora as identidades e a sua construção afirma que essas não são estáticas nos indivíduos pois dependendo das circunstâncias e situações, os indivíduos tendem a mostrar-se diferentes assim como portar-se. Deste modo, percebe-se que,

dependendo da situação ou contexto que o indivíduo presencia ou vive, está disposto a encarar de forma diferente assim como com uma identidade específica que não é apresentada no contexto anterior, assim, em função desse contexto e dos papéis sociais que o indivíduo desempenhar, a indumentária terá uma tendência a adaptar-se a uma identidade própria da situação que o indivíduo estiver a presenciar.

O *self* transforma-se a medida que o indivíduo vai desempenhando diferentes papéis sociais, este mostra que o *self* não resulta apenas da socialização primária do indivíduo mas também do processo de interação com o meio social em que este indivíduo se insere, acrescenta ainda que o indivíduo não representa o seu papel para o bem dos outros mas sim o faz tendo em conta a convicção da sua impressão perante os outros (Goffman, 2002). Deste modo, a quando da construção identitária o indivíduo pode desempenhar várias identidades tendo em conta seu papel e função em determinado contexto uma vez que este pode interpretar vários *selves*. Assim, analisando os depoimentos dos participantes, encontra-se uma conformidade com a perspectiva do autor, pois os entrevistados mostram claramente que existem várias personalidades interpretadas por estes usando indumentária que vai ao encontro dos papéis sociais desempenhados seja na igreja, em casa ou outros locais.

Além disso, afirma-se que a socialização e a forma como os indivíduos se relacionam no seu contexto e cultura carrega um papel importante na construção da identidade, este pensamento pode ser também encontrado no autor Dubar (2006), quando considera a socialização como a entrada dos indivíduos no mundo vivido ao mesmo tempo como um universo simbólico social e cultural sobre os quais os indivíduos podem produzir identidades orientadas para as relações sociais.

Segundo Kant (2015), todas as indumentárias são modos mutáveis de viver e se aplicam ao nosso quotidiano, essa definição por sua vez faz com que as pessoas caiam num conforto e se prendam a essa justificativa para evitarem construir uma única identidade. Mas os resultados do estudo mostraram que existem aqueles indivíduos que conseguem manter a mesma identidade independente dos factores externos, assim alguns deles são capazes de expressar isso pela forma como se vestem mesmo diante da pressão exterior.

Na base dos resultados desta pesquisa, pode-se afirmar que a relação indumentária e identidade social é fruto significativo das relações sociais que os indivíduos estabelecem ao longo do tempo, pois as identidades sociais são construídas pelas experiências sociais de cada um e conseqüentemente vão se reflectir na forma de consumo da indumentária.

Assim como Lima (2018), Boucher (2012) afirma que esta relação corresponde aos modos de viver em sociedade e detalha que a indumentária cria atributos que podem exprimir diferentes manifestações para um indivíduo, o poder para um chefe, superioridade para um Super-homem, concordando com os autores, os resultados da pesquisa mostraram que existem caracteres que a roupa carrega onde através destes é possível inferir de forma parcial ou completa o que um indivíduo é.

Analisando o facto de ter-se como proposta colher informações sobre os processos e significados de como os jovens efectivam a criação da sua identidade partindo da relação existente com a indumentária, percebeu-se que os participantes fazendo uso da sua capacidade de escolher de entre várias indumentárias, criam sua identidade e fazem-se reconhecer de acordo com os significados propostos na socialização primária, assim como os significados apreendidos durante as suas relações sociais.

Considerações Finais

Esta pesquisa analisou a relação existente entre a indumentária e a forma como os jovens constroem sua identidade social. Partiu-se do pressuposto segundo o qual existe um conjunto de significados atribuídos a indumentária e em função desses os indivíduos ao vestirem-se recebem atributos, os quais são classificados como identidades sociais. Considerando este ponto, procurou-se compreender a partir dos jovens como fazer uso de uma determinada peça e se sentir representada por ela tem relação com a forma como os indivíduos são classificados.

A interpretação dos dados da pesquisa foi realizada a luz da teoria de Goffman sobre a representação do eu na vida quotidiana, que ilustrou a capacidade que os indivíduos têm de fazer uso do universo simbólico a sua volta e colocar a seu favor, deste modo, a indumentária pode transmitir sim uma identidade social aos indivíduos, mas estes podem influenciar as suas acções para com a indumentária em função dos seus objectivos.

Foi formulada a hipótese segundo a qual, a construção da identidade social é feita mediante o espaço no qual os indivíduos se encontram inseridos, e os jovens tendo em conta os significados atribuídos, fazem uso da indumentária como forma de assumir uma identidade social e inserirem-se no meio de convivência social.

No desenvolver da pesquisa a hipótese foi corroborada, na medida em que os resultados do estudo demonstram que para cada situação vivenciada pelos indivíduos estes agem fazendo uso de indumentárias que lhes permitam inserir-se em um determinado grupo de convivência social dentro das expectativas esperadas. Porém constatou-se que os jovens, nos meios de convivência social, não assumem apenas uma identidade mas sim múltiplas, fazendo uso de diferentes roupas, acessórios compostos por símbolos e caracteres próprios da situação no qual se encontram.

A partir da teoria de Goffman baseando-se no terceiro postulado segundo o qual, o indivíduo tem conhecimento tácito das normas e regras que regem uma determinada situação social, notou-se que os participantes têm um conhecimento dos significados atribuídos as indumentárias e fazem uso destes como meio de identificação social em função da situação em que estiver vivenciando.

Unanimemente os resultados da pesquisa ilustram que a indumentária tem o papel de representar e comunicar aquelas que são as identidades e personalidades dos indivíduos. Mas

afirma-se ainda que a roupa não mostra apenas a identidade mas sim identidades pois, mediante a indumentária trajada, podem desempenhar diferentes papéis o que os torna indivíduos de múltiplas identidades ou vários *selves*.

Além disso, os resultados revelam que, alguns jovens não são o que vestem e nem se deixam influenciar sobre o que os outros falam sobre a sua postura ou personalidade considerando as roupas trajadas por estes, o que demonstra uma ruptura da ideia preconcebida anteriormente de que uma roupa representa uma certa postura, pois nem todos os jovens participantes do estudo se identificam pela identidade que lhes é dada pelos outros a partir da indumentária que fazem uso.

Portanto, após a explanação entende-se que, não é a indumentária em si que transmite uma identidade aos jovens, mas sim os significados atribuídos a indumentária pelos indivíduos é que vai ditar a identidade social dependendo do espaço em que estiverem inseridos. Ou seja, existe um conjunto de significados que os indivíduos conhecem sobre determinadas indumentárias e são através destes que acontece o processo de identificação social configurando deste modo a relação indumentária e identidade.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, Zahar, p.278, Rio de Janeiro, 2001

BARNARD, Malcolm. *Moda e comunicação*, rio de Janeiro, 2003.

BARTHES, Roland. *História e sociologia do vestuário*, In barthes, *Imagem e moda*, vol.3, Martins fontes, São Paulo, 2005.

BARTHES, Roland. *Imagem e moda*, Trad. Martins fontes, Universidade de são Paulo, 1964.

BERGER e Luckman. *a construção social da realidade. Tratado da sociologia do conhecimento*, 2ª edição , vozes petropolis, 2004.

BOUCHER, François. *História do vestuário no ocidente: das origens aos nossos dias*, tradução de André Telles, São Paulo 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Gostos de classe e estilos de vida*, In Ortiz, coleção grandes cientistas sociais, volume 19, Renato (org), editora Ática, São Paulo 2007.

BRAGA, João. *História da moda: uma narrativa*, editora morrumbi, São Paulo, 2007.

CARVALHO, Úrsula. *História da indumentária*, instituto federal de educação, ciência e tecnologia, Ararangua, 2009.

CASTILHO, Kathia. *Fragmentos de um vestir tropical*, Carol (org), moda brasil, são Paulo, 2001.

COLONNA, Helena. *Eu é que fico com a minha irmã: vida cotidiana das crianças na periferia de Maputo*, Tese de Doutorado em Sociologia da infância, pp155-162, Braga, 2012.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, género e identidades das roupas*, São Paulo, 2006.

CRANE, Diana. *Reflexões sobre moda: o vestuário como fenómeno social*, in bueno, L.O (org), estilos de vida na contemporaneidade, São Paulo, 2008.

DORFLES, G. *Modas e Modos*, tradução de António Pinto Ribeiro, Ed.70, Lisboa 1990.

DUBAR, claudie. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*, afrontamento edições, sm/ed, porto,2006.

DUBAR, claudie. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*, Martins fontes, São Paulo, 2005.

EMBACHER, Airton. *Moda e identidade-a construção de um estilo próprio*, São Paulo,morumbi, 1999.

FISHER, mirkin toby. *Os significados ocultos da roupa feminina: os códigos de vestir*, rio de janeiro, 2001.

GARCIA, carol. Miranda, Ana paula. *Moda é comunicação*, São Paulo, Morumbi, 2010.

GARCIA, carol. *Imagens errantes: ambiguidades, resistência e cultura da moda*, estação das letras e cores, São Paulo, 2010.

GIL, António Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 6ª edição, atlas, são Paulo, 2007.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida quotidiana*, tradução de Maria Célia Santos, Ed. Vozes, 10ª edição, Petrópolis, 2002.

HARVEY, John. *Homens de preto* [s.i]: editora de unesp. ISBN 85-7139-498-9, São Paulo, 2003.

JEKINS, Richard. *Social identity*, rouledje, nova York, 1996.

KOTLER, P. *Administração de marketing*, Ed.pearson prentice, são Paulo, 2006.

LAKATOS e Marconni. *Metodologia de trabalho científico*, atlas editores, 6ª edição, São Paulo, 2008.

LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*, São Paulo: Companhia das letras, 2011.

LIMA, Marina oliveira. *Identidade e Moda: indumentária como meio de expressão*, Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal de Ceara, Fortaleza, 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. *O imperio do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas*, tradução de Maria Machado, São Paulo, versão 2005.

- MENDES, Valerie; Haye, Army de la. *A moda do século XX*, São Paulo: Martins fontes, 2002.
- MIRANDA, Ana paula. *Consumo da moda: a relação pessoa-objecto, estação de letras e cores*, São Paulo, 2008.
- MONTEIRO, Aline. *Para além do traje de crioula: um estudo sobre materialidade e visibilidade das estampas da baía*, Dissertação de Mestrado em Cultura da Moda, Universidade Federal de Goiás, 1999.
- MOTA, Maria Dolores de Brito. *A roupa como um artefacto social: por uma sociologia da moda*, 2008. Disponível em <http://.cisc.org.br>
- NHAMUE, Crescência L.Alberto. *Roupa Africana e Identidade na Cidade de Maputo*, Monografia de Conclusão do Curso de Sociologia, UEM, 2004.
- OLIVEIRA, Zita Catarina. *Um estudo da auto-imagem*, dissertação de mestrado na faculdade de estudos sociais aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- OLIVEIRA, J.R. Acesso, *Identidade e Pertencimento: relações entre juventude e cultura*, revista democracia, São Paulo, 2006.
- PINTO, J.M. *considerações sobre a produção social de identidades*, revista crítica de ciências sociais, 1991.
- PITOMBO, Renata. *Moda, cultura e sentido*, In GHREBH, São Paulo, Julho de 2003.
- RICHARDSON, R.J. *pesquisa social: métodos e técnicas*, atlas editores, São Paulo, 2008.
- SVENDEN, Lars. *Moda: uma filosofia*, Rio de Janeiro, Zahar ed, tradução de Maria Luísa, 2008.
- SILVA, Solange. *Vestuário: comunicação e cultura*, Libero, São Paulo, 2007.
- SILVA, Isis Sena. *O traje como instrumento de contestação no comportamento jovem dos anos 1960-1970*, 9ª edição internacional, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.
- SIMMEL, George. *Da psicologia da moda: um estudo sociológico*, In: Souza, J, Simmel e a modernidade, 2ed, Brasília, Editora UNB, 2005b.

STEFANI, Patrícia da silva. *Moda e comunicação: A indumentária como forma de expressão*, monografia apresentada na faculdade de comunicação social, Rio de Janeiro, 2005.

TYLOR, E.F. *definição de cultura*, Dicionário de sociologia, versão online 1871.

Anexo 1

Guião de entrevista

Saudações. Chamo-me Rosa Banze, Finalista universitária do Curso de Sociologia na UEM. Encontro-me a desenvolver a monografia sobre "Relação entre indumentária e identidade social entre os jovens". Deste modo gostava de convidar-te a participar nela através da partilha de informações sobre o assunto, constando que será de carácter confidencial.

Secção I: Dados sociodemográficos

Idade

Sexo

Nível de escolaridade mais alto que completou

Estado civil

Ocupação

Religião

Bairro de residência

Com quem vive?

Como e quem suporta suas despesas? (para quem não trabalha)

Rendimento mensal (para quem trabalha)

Secção II: Significados atribuídos a indumentária

1. Fale de si e dos lugares que costuma frequentar, mencione tendo em conta os dias da semana.

2. Tendo em conta os lugares aqui mencionados, qual é a roupa que usa em cada um deles?

3. Qual é o significado das roupas que usas?

3.1 O que é roupa especial? Conte sobre a sua e o porquê de ser especial?

Secção III: Práticas adoptadas sobre a indumentária

4. Como é que tens feito a organização do teu guarda-roupas/lugar onde guardas a roupa?
5. Como decides sobre que roupa usar no dia-a-dia?
6. Qual foi a última roupa ou acessório que adquiriu? Porquê?
7. Diga o que não pode faltar no teu armário? Porquê?
8. De tudo que tens e diz respeito a nossa conversa! Qual é a coisa que não usarias em circunstância alguma? Porquê?

Secção IV: Motivações com relação a indumentária

9. Gostas da roupa que usas? Porquê? E qual roupa não gostas?
10. Que elementos levam em consideração na hora de obter/comprar a tua roupa?
11. Quais razões te fazem optar por uma roupa em detrimento da outra?

Secção V: Relação entre indumentária e identidade social

12. Fale-me da tua personalidade! Como te classificas? O que eleva a tua auto-estima?
 - 12.1 Qual é o papel da roupa na tua personalidade? E na construção da tua personalidade?
13. Como te defines a partir da roupa que usas?
 - 13.1 Qual é a personalidade que projectas quando usas dada roupa? Projectas para quem?
14. O que as pessoas dizem sobre a forma como te vestes?
15. Esses comentários te afectam de alguma forma? Porquê?
16. O que pensas de si, reflecte no tipo de roupa que usas?
17. Na tua opinião, o que a roupa pode revelar sobre as pessoas?

Sinta-se à vontade para colocar alguma questão ou simplesmente acrescentar algo acerca sobre o que estamos aqui a conversar.

Obrigada!

Anexo 2

Consentimento Informado

Eu _____, aceito de livre vontade participar na presente pesquisa intitulada: Relação entre a indumentária e a identidade social na cidade de Maputo.

Me foi apresentado que tem como propósito a culminação do fim do curso, e os dados serão incorporados na monografia para defesa final no curso de sociologia na UEM, desta feita estou ciente de que as respostas por mim prestadas serão divulgadas e com vista a preservação da minha identidade o meu nome não será exposto, autorizo a gravação da entrevista constando que após a sua utilização a mesma será deletada e não servirá para outros fins fora a pesquisa. De acordo com os esclarecimentos prestados, a minha confirmação na pesquisa se dá através da assinatura desse documento:

Entrevistado

Entrevistador(a)
